

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

ATAS COM OS RESUMOS DOS *PAPERS* APRESENTADOS

**VII SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE APOCALÍPTICA / I SEMINÁRIO
INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-HELENÍSTICOS - PEJ -/
I SEMINÁRIO DO GEA - UMESP-UNB, 28 DE NOVEMBRO - 1 DE
DEZEMBRO 2006**

Data: 28/11 - 01/12/2006

Local: Universidade de Brasília - UnB

Responsável: Prof.Dr. Vicente Dobroruka



1. Apresentação das *Atas da VII Semana de Estudos de Apocalíptica* e dos resumos dos *papers* que foram apresentados

Aqui estão os resumos dos *papers* apresentados entre 28 de novembro e 01 de dezembro de 2006, na "VII Semana de Estudos de Apocalíptica", promovida na Universidade de Brasília em conjunto com a Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Este documento compõe-se, portanto, das atas das sessões de comunicação coordenada apresentadas pelos palestrantes.



2. Resumos dos papers apresentados, em ordem alfabética por sobrenome de autor

ADRIANO FILHO, José. "A imagem de Roma nos *Oráculos Sibílicos* 3-5". 28/11/2006.

Os *Oráculos sibílicos*, especialmente os livros 3-5, escritos em grego, formam uma coleção de oráculos que se originaram no judaísmo egípcio. Estes *Oráculos*, escritos por judeus e cristãos, têm afinidade óbvia com a literatura apocalíptica judaica, pois contém pseudonímia, profecia *ex-eventu*, escatologia e revisão da história. A atitude, principalmente do livro 5 para com as nações gentílicas é bem mais negativa que qualquer texto anterior da tradição sibilina, mas as palavras mais amargas da sibila são dirigidas contra Roma. Roma é descrita mitologicamente quando a sibila apresenta Nero como um adversário escatológico. Ao falar a partir da lenda popular que afirmava que Nero não havia morrido, mas fugido para os Partos e que retornaria um dia, a sibila o apresenta tanto como rei de Roma quanto um líder de um ataque contra Roma no período escatológico. Nero não é ainda identificado com Belial, mesmo quando se afirma que ele retornará dos mortos, como no *Apocalipse de João*, aproximando-se da figura do anticristo. Seu mau caráter corresponde diretamente ao caráter de Roma: ele é moralmente mau, responsável pela destruição de Jerusalém, pois a guerra contra Jerusalém começou durante o seu governo, e, além disso, ele reivindica ser Deus.

BAGNIEWSKI, Alexandre. "Qumran e essenismo: a perspectiva literária helênica". 30/11/2006.

RESUMO NÃO FORNECIDO.

BARBACENA, Fabrício. "S. Agostinho, a patrística e as 'idades do mundo'". 30/11/2006.

Dentre todos os aspectos tratados na teologia da história agostiniana, o tema das sete idades do mundo, das quais seis são tidas como terrenas e históricas e uma é escatológica, pós-histórica e eterna, apresenta-se como de importância fundamental para se



entender melhor o modo como o bispo de Hipona pensou, ao longo de sua extensa produção literária, o sentido do processo histórico. A presente comunicação buscará, assim, fazer a abordagem da forma como esse objeto aparece numa das primeiras obras agostinianas, o *De Genesi contra manichaeos*, em especial quanto às comparações que são ali feitas entre processo histórico e as seis fases do desenvolvimento fisiológico de um ser humano, enumeradas por Agostinho (*infantia, pueritia, adolescentia, iuuentus, declinio ab iuuentute ad senectude, senectus*).

CHAVES, Julio César. 30/11/2006. "Os apocalipses filosóficos setianos".

Dentre os mais de 50 textos da biblioteca copta de Nag Hammadi, três tratados destacam-se devido a sua similaridade doutrinal e literária. São os apocalipses filosóficos setianos: *Zostrianos* (VII, 1), *Marsanes* (X, 1) e *Alógenes* (XI, 3). Estes tratados são assim chamados devido ao seu conteúdo filosófico, altamente motivado pelo médio e neo-platonismo, e ainda, porque fazem parte da categoria de textos setianos, sugerida por Hans-Martin Schenke, categoria esta que possui uma doutrina específica que pode ser identificada em meio à heterogeneidade dos textos de Nag Hammadi. Os três textos citados podem ainda ser considerados apocalipses, pois apresentam diversos elementos apocalípticos e semelhanças em relação a apocalipses judaicos de viagem ao além. Esta comunicação propõe uma análise dos conteúdos apocalípticos destes três textos.

CHEVITARESE, André. 28/11/2006. "Política e os rumos da investigação sobre o Jesus histórico".

Quando eu já havia encaminhado à editora o capítulo denominado "Da Traição à Morte de Jesus de Nazaré. Em torno de Judas Iscariotes", o mundo acadêmico foi surpreendido por uma notícia bombástica: a descoberta de um codex contendo o evangelho de Judas. Durante o seu anúncio, Rodolphe Kasser disse que no primeiro semestre de 2006 ele seria publicado. Na época, tive apenas tempo de incluir uma nota de rodapé adicional no referido capítulo, informando aos leitores que deveríamos esperar pela sua publicação, já que o seu conteúdo estava guardado a sete chaves. Acho que agora, com a sua publicação, é hora de revisitar o meu texto, a fim de saber se ele apresenta algum ponto



que precisa ser reavaliado à luz de um evangelho que ficou enterrado no Egito por cerca de mil e oitocentos anos.

CLÍMACO, Joana Campos. 30/11/2006. "Os *Acta Alexandrinorum* e a definição da política imperial para o Extremo Oriente após Vespasiano".

A presente comunicação tem por objetivo discutir um grupo de textos alexandrinos que entrou em circulação nos dois primeiros séculos de Império Romano. Cada escrito relata um episódio específico e apresenta também objetivos díspares e momentâneos, mas podemos vislumbrar um elo que permite agrupá-los e caracterizá-los como um grupo documental, que tinha por finalidade questionar e criticar as estratégias de poder romano. Ou seja, os documentos, nomeados a *posteriori* de *Acta Alexandrinorum* relatam as recepções de um grupo alexandrino específico à chegada da nova liderança em Alexandria.

CORNELLI, Gabriele. 29/11/2006. "*Katabasis* e as origens da filosofia".

Diferentemente do cauteloso ceticismo com o qual Sócrates enfrenta a questão da imortalidade da alma na *Apologia*, em diálogos como *Górgias* e *Mênon*, aparece claramente uma diferente perspectiva: referências diretas a teorias com as da metempsicose e da anamnese revelam um diálogo profundo de Platão com as práticas mágico-rituais da imortalidade da tradição órfico-pitagórica. Esta aproximação traz conseqüências de grande interesse teórico para a compreensão da concepção platônica do *lógos* filosófico.

COSTA, Júlia Câmara da. 29/11/2006. "A 'árvore cósmica' num apocalipse persa: um elo possível entre a cosmogonia indiana e a estátua de Daniel 2?".

Este *paper* visa a tornar mais compreensível o papel da árvore cósmica no texto persa *Bahman Yašt*. Para tal, o trabalho apresenta relações desta árvore com diversos complexos míticos, envolvendo outras árvores, como a *Soma* iraniana e a *Ygdrassil* escandinava. Porém, o objetivo final desta pesquisa é procurar demonstrar o elo que une a árvore cósmica do BY com a estátua presente em Daniel 2 e o mito do homem primordial indiano, descrito no texto *Mahābhārata*. Estes



complexos míticos parecem estar entrelaçados a partir de tais personagens, evidenciando um meio de difusão cultural entre estas três tradições.

DELFIN, Filipe. 29/11/2006. "Entre a retórica e a mística: as anábases na obra do imperador Juliano".

Estudo da presença do tema da anábase na obra de Juliano Imperador em passagens contidas no "Discurso contra Heráclio", onde estão presentes os temas fundamentais do gênero apocalíptico: sonho, visão, ascensão e revelação apoteótica, com amplas referências culturais e teológicas a diversas tradições, compondo um "discurso da revelação" surpreendente e importante para o conhecimento do helenismo tardio.

LEITE, Antonio. 01/12/2006. "Rumos recentes na pesquisa sobre o 'Filho do Homem'".

RESUMO NÃO FORNECIDO.

MALUF, Lilian Chaves. 30/11/2006. "Daniel, Jerônimo e a crítica de Porfírio: debates sobre a autenticidade das revelações daniélicas".

O livro de Daniel constitui um apocalipse histórico pseudepigráfico cujas seções revelatórias foram escritas no período macabaico. Embora essas constatações representem um consenso recente na historiografia, foram antecipadas pelo filósofo neoplatonista Porfírio há mais de um milênio. O debate sobre a autenticidade das revelações daniélicas conduz à questão de como Porfírio chegou a conclusões semelhantes às da historiografia moderna sem os recursos que esta utiliza. Este *paper* tem por objetivo confrontar a crítica de Porfírio, a réplica de São Jerônimo e as análises da historiografia moderna selecionadas para analisar essa questão.

MARTINS, Mateus Gaspar. 29/11/2006. "O rei vindo do Sol e o mito de Seth e Osíris no "Oráculo do oleiro" e no terceiro livro dos *Oráculos sibilinos*".

A pergunta principal desde trabalho é quem é o ser designado pela fórmula "rei vindo do Sol". Tomada isoladamente ela pode significar



tanto o messias judaico para um leitor judeu, como um rei nativo para um egípcio e por que não Cristo para um cristão. Portanto, como essa fórmula se repete no "Oráculo do oleiro" e no terceiro livro dos oráculos sibilinos, o objetivo é identificar quem é esse ser em cada obra e com que elementos se relaciona em ambas as obras.

MIRANDA, Valtair. 28/11/2006. "Quando a mulher é o demônio: celibato e misoginia em comunidades sectárias judaico-cristãs".

Como resultado de conflitos internos, grupos judaico-cristãos do primeiro século utilizaram personagens demoníacos para descrever seus adversários, bem como demarcar limites de pureza. Neste contexto, tribulação, morte, martírio, sangue, bem como a misoginia e o celibato, parecem ter funcionado como instrumentos na construção de identidade religiosa.

NOGUEIRA, Paulo de S. 28/11/2006. "O reino e a experiência visionária em Ap".

RESUMO NÃO FORNECIDO.

PASSARELLA, João Batista de Oliveira. 01/12/2006. "Ou Deus ou Mâmon (Q41 / Mt 6:24 / Lc 16:13): sentido e crítica social de um *logion* cristão primitivo".

O objetivo da pesquisa apresentada a seguir é analisar o *logion* Q 16,13 (Mt 6,24//Lc 16,13) como uma crítica social e/ou uma advertência, um chamado ao monoteísmo. Seria esse *logion* palavras do Jesus de Nazaré? Ele nos remete a um dito pré-pascal, a uma norma de uma comunidade que caminhava com o Jesus Histórico e que estudiosos e críticos a denominam como a comunidade de "Q". Jesus falara a um movimento que não só optava pela pobreza como renunciava à riqueza. Ele pregara a partilha completa e criticara uma sociedade que valorizava o prestígio e a riqueza. Em Q 16,13, Jesus vê na riqueza a cobiça egocêntrica que se apossa do coração do homem e assim o aliena de Deus. Servir a Deus e a Mâmon, ou seja, às riquezas, é pura impossibilidade. Ele coloca o dinheiro em oposição a Deus.



PRADO, Apolo Marques. 29/11/2006. "Questionamentos acerca da Sibila babilônica".

Esta pesquisa aborda questões relevantes e pontos de interesse acerca da existência ou não da Sibila da Babilônia, especificamente nos trechos do livro 3 dos *Oráculos sibilinos* que estudiosos apontam como prováveis de terem origem caldéia, ou ao menos de uma localidade próxima da Babilônia, como a Pérsia, onde muitas vezes suas civilizações, aos olhos dos antigos ocidentais, se confundem. Também é de enorme relevância a questão da origem das fontes sobre essa suposta Sibila e os autores que afirmaram sua existência, inter-relacionando as diversas referências á luz de nosso conhecimento sobre o assunto, para melhor abordarmos a questão. Proponho não solucionar, talvez tarefa impossível, o mistério de sua existência, mas sim aproximar-me ao máximo daquilo que poderíamos identificar como o motivo, a origem e o tempo em que os trechos foram compostos e posteriormente apropriados, dentro do contexto de resistência cultural oriental.

RIBEIRO, Luiz Felipe Ribeiro. 01/12/2006. "Ou Deus ou Mâmon (Q41 / Mt 6:24 / Lc 16:13): sentido e crítica social de um *logion* cristão primitivo".

A influência da tradição judaico-cristã sobre a sexualidade ocidental é bem conhecida. Interdição, repressão e negação são a herança de dois milênios de presença cristã. Michel Foucault argumentou no seu *Histoire de la sexualité: la volonté de savoir* que a cristandade fora ainda responsável pela explosão do discurso sobre o sexo no ocidente. O escrutínio do habitus sexual do cristão na penitência e nos manuais de confissão teria engendrado a inserção da "palavra-sexo" nos consultórios médicos, nos divãs dos consultórios de psicanálise, nos manuais científicos, etc.

Onde porém se inicia essa história de interdição? Em que momento começa o escrutínio do uso dos corpos, dos prazeres, a repressão de "sexualidades periféricas" (Michel Foucault) e a condenação de uma ética sexual também denominada pela Bíblia cristã *porneia*? A hipótese deste paper é a de que já nas origens do cristianismo, no apocalipsismo cristão do I século, inicia-se a moral de proibição e condenação que levará a Igreja, a alguns séculos mais tarde, a postular uma ética sexual de ascetismo. É principalmente nos chamados



"catálogos de vícios" cristãos primitivos, forma literária que lista vícios que devem ser afastados do fiel, que se iniciará tanto a repressão da sexualidade, quanto a vinculação de certa práxis sexual à punição de Iahweh e Cristo nos últimos dias.

RODRIGUES, Elisa. 28/11/2006. "4QMMT e novas perspectivas sobre Mt".

Este ensaio tem por objetivo relacionar a "nova" orientação de Jesus quanto ao adultério em Mt 5 e 19 (*pornéia*) com seu ensinamento sobre o que contamina o homem, em Mc 7. No texto de Mateus, a orientação de Jesus aos discípulos evoca a tradição da Lei, todavia, atesta que somente olhar com desejo configura o pecado. Isto torna a exigência do texto mateano mais radical do que a própria Lei. Conforme a redação de Marcos, da qual Mateus teria dependência, "O que sai do homem, isto é o que o contamina" (*koinōw*), pois é de dentro do coração que procedem maus desígnios, dentre eles, o adultério. Perguntamos: a radicalização do seguimento da Torá em Mateus está relacionada com a noção de contaminação que "vem de dentro" marcana e torna homem impuro (*eswqen evk poreuētai*)? O que significa *pornéia* para Mateus, visto que a ação de adulterar não estaria mais associada ao intercurso sexual com outra mulher? Para responder estas questões, desenvolveremos a análise dos textos citados amparados pelo método exegético, pela crítica das formas e pela perspectiva da antropologia social.

SELVATICI, Monica. 29/11/2006. "Os cristãos judaizantes no livro de *Atos dos Apóstolos*".

Esta comunicação tem por objetivo analisar as referências que o autor da obra 'evangelho de Lucas - Atos dos Apóstolos' (o dito Lucas) faz a membros das comunidades cristãs do século I que advogavam em favor do seguimento das prescrições da Torá, em especial, que defendiam a circuncisão. Tais cristãos são denominados 'fariseus' por Lucas em Atos 15:5. No entanto, referências indiretas a tais cristãos fariseus ou 'judaizantes' (termo pelo qual eles são referidos na historiografia, criado a partir do verbo 'judaizar') são encontradas ao longo de toda a sua obra, denotando a importância desta questão dentro do quadro da teologia lucana.



SILVA, Diego Lopes da. 30/11/2006. "S. Jerônimo e a interpretação romanizante da 'quarta besta' de Daniel".

O trabalho desenvolvido visa demonstrar as diversas interpretações existentes relativas à figura da quarta besta mencionada no livro de Daniel, analisa-se que tais interpretações visam focar a realidade presenciada pelo criador de sua interpretação tanto no meio judaico quanto o cristão, dentre as interpretações analisadas neste trabalho visou dar ênfase na judaica antiga, a qual o quarto animal bestial descrito é o império helenístico, na figura de Alexandre Magno, o grande rei helenizador dos povos pagãos e que através de um reinado forte visava unificar todas as culturas do mundo conhecido, fato que é abominável aos olhos dos judeus, outra das diversas interpretações que chama atenção é a romana, onde autores como Flávio Josefo, o escritor de 4Ezra e São Jerônimo defendem arduamente em seus escritos, analisando a quarta besta como o império romano, tendo com uma figura temível e inimiga pelos maus-tratos e opressões feitas ao cristianismo nos primórdios da fé cristã, e como tudo que era conhecido no mundo relacionava-se de algum modo com Roma, a análise romana visa fazer uma zona de intersecção entre o livro de Daniel e o *Apocalipse de São João*, tentando mostrar que a quarta besta é o mesmo símbolo de Ap 13, que é uma besta que emerge da terra, mostrando Nero como o grande perseguidor do cristianismo e dos santos.

SILVA, Rodrigo Carvalho. 30/11/2006. "Astrologia, milenarismo e mito babilônico: *ekpurosis*, Berossus e a sibila".

Este *paper* procura de modo sucinto estabelecer relações entre o *Apocalipse de João*, *Os Oráculos sibilinos* e a idéia estóica de *Ekpurosis* - neste caso o nexa causal é um comentário de Sêneca à Berossus em *Naturale Quaestiones* III.29.4. Eu procuro apontar aqui as semelhanças entre as três fontes, mostrar que para os estóicos, o fim do mundo nada tinha haver com crises moralidade, sendo antes um evento de caráter puramente natural.

SOUSA, Clécio Duarte de. 01/12/2006. "Jesus de Nazaré e Monoteísmo: de sua autocompreensão a Nicéia".



Das origens do cristianismo faz parte o fato de o proclamador, Jesus de Nazaré, ter ingressado no querigma cristão, tornando-se o próprio conteúdo de sua proclamação. Aquele que chamou à fé torna-se o objeto da fé dos primeiros cristãos. A linguagem em que se exprime a confissão da fé modifica-se ao longo do tempo designando a ele, pelos cristãos, títulos honoríficos. Prestam-lhe, dessa forma, uma honra que o Jesus terreno jamais desejou para si? O credo formado em Nicéia no ano 325 d.C. afirma-o como sendo um com a mesma substância (homousios) do Pai. Será essa a autocompreensão que o Jesus Histórico tinha de si? Ou será que se está diante de uma re significação de sua autocompreensão no Jesus como "objeto de fé"?